

t r q

A Senhora D. Sofia faleceu no dia 8 de Março, ao fim da tarde. Veiu para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa há 40 anos. Deus chamou-a pela palavra de Pai Américo n' O GAIA-TO e nos púlpitos. Veio e ficou. Mulher decidida, tudo deixou: terra, família, casa, campos e todos os bens.

Descobriu outra riqueza: Ser Mãe de uma multidão de filhos. Os da Rua. Os mais abandonados — que perderam a que lhes deu o sangue, que não a necessidade de ter mãe, nem o gosto e o sabor dela.

Oh missão sublime! Vocação divina reservada à mulher. É tão grande e tão comum lhe parece o dia-a-dia na Obra da Rua que não dá conta das alturas em que está.

A Senhora D. Sofia viveu assim: humilde e pobre como a vela que se vai queimando até ao fim. Sem nada reservar para si. Foi toda para os pequeninos. O Evangelho vivo dos lírios do campo e das aves do Céu... Quem duvida?

Quis morrer no seu posto: testemunho do amor fiel e sacrificado.

Foi grão de trigo que caiu no sulco...

Foi semente de novas vocações lançada à terra... Creio! Mas o Júlio Mendes, gaiato dos mais velhos, abre o seu coração...

Padre Manuel António

Era um dia lindo, com assomos de Primavera.

A notícia cai-nos em cima e olhamos pro horizonte — sufocados.

Quase quarenta anos de doação total ao «Lixo das ruas», Mãe de muitos que tampouco sentiram o bafo materno; e educou, tratou e criou, desveladamente, na bela casa-mãe.

De poucas falas. Discreta. Sentido da Pobreza e da poupança. Ironia fina. Palavra certa, na hora certa. Justíssima. Reflexos duma alma recta. Tão discreta que mal se dava fé da Senhora D. Sofia!

Que lindos quadros recolheram os nossos olhos pecadores, na tarde de despedida! Não tanto as lágrimas, a dor humana. Sim, o gesto dos mais pequeninos, os «Batatinhas», que, silenciosamente, iam aos cam-

pos e jardins colher ramos e flores — um deles, de calça desapertada, à gaiato! — e, ternamente, pousavam os ramos no corpo da Mãe, em penhor de gratidão. Ela gostava tanto de flores!

Éramos, ali, o mais antigo, naquela hora grande.

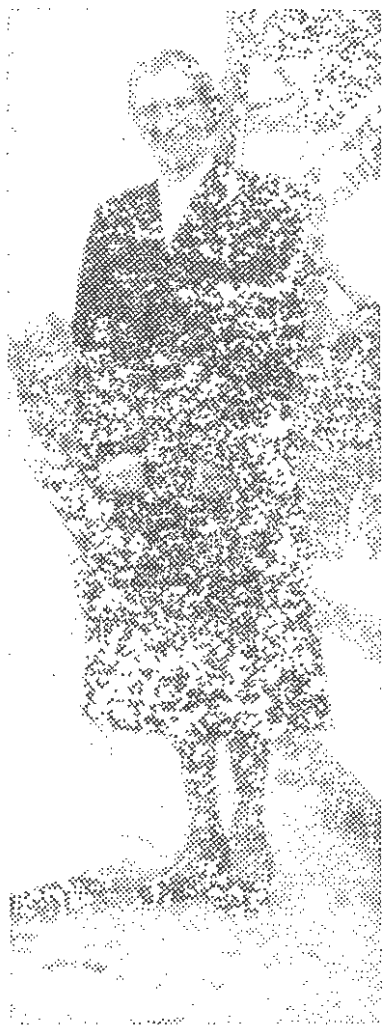
Poucos dias antes, pelo aniversário natalício, demos-lhe um fraternal abraço. Não sorriu nem se expandiu. Ouvimos só um «muito obrigado», pois os olhos permaneceram fixos à mesa, num profundo silêncio que parecia uma oração.

Mulher forte da Sagrada Escritura, como seria belo o encontro, o abraço de Paz a Pai Américo, no Reino dos Justos! Tinha por ela tanta admiração!

Foi recebida, no Céu, com hinos de glória dos santos; e acolhida nos braços do Pai Celeste com uma grande certeza: «Tive fome e deste-Me de comer; estava nu e vestiste-Me...»

Cumpriu o Mandamento No-vo!

Júlio Mendes



A Senhora D. Sofia quis morrer no seu posto: testemunho do amor fiel e sacrificado.

Desta vez foi o fogo que nos bateu à porta. Ele anda fogo por todo o lado, não admira que também nos queime. E nós que andamos sempre metidos nele. Não fosse isto a Obra da Rua. Talvez seja essa a razão porque Ela é tão pequenina neste mundo e sejam tão poucos os que a querem seguir e identificar-se com Ela. É que Ela tem fogo. Ela queima. Por dentro e por fora!

Alguém pôs fogo à nossa palha, ao palheiro e à Casa. Não ardeu tudo porque Deus esteve connosco! A Ele, graças! Aos rapazes que heroicamente lutaram durante a noite e ao longo de quase um dia contra o fogo, graças também. Aos bombeiros que acorreram prontamente e alguns eram antigos gaiatos — a nossa gratidão.

Estive para não falar no

acontecimento. Os prejuízos não foram avultados como pode parecer. Com duas outras mil telhas e uma cobertura em cimento que nós vamos fazer com o nosso trabalho, e mais umas carradas de palha que iremos buscar ao Alentejo, tudo ficará melhor e nós mais acutelados.

As aflições pela situação de rapazes são constantes. Vêm pedidos de todo o lado. «Olhe que ele já assalta, já põe fogo, foge à escola, anda de noite, desaparece.» Se é possível, até aos 13 anos, não pomos obstáculos. Basta que seja abandonado. Contudo, nem sempre lhe pagamos a dívida que a sociedade com ele contraíu e esta Obra quer saldar: Fazer dele um homem.

A falta de carinho e atenção. Os pontapés. A Rua. Tudo

# ot s o t

## Mais alerta!

Tantas vezes temos alertado os nossos Leitores (e até a grande Imprensa já o fez) para esse grupo ou grupos que andam por aí vigarizando ingénuos com peditórios e cobranças para a Casa do Gaiato, que quase nos desfalece a vontade de insistir e a paciência para escutar queixumes de quem só depois da casa roubada, cuida de trancar as portas. É preciso que nos não conheçam minimamente para ignorar que em quase meio século de existência nunca usámos tais processos nem é agora que os vamos encetar.

E o pior é que não há outra defesa senão o bom-senso de cada um!

Com a Autoridade, infe-

lizmente, não vale a pena contar. Senão, vejamos:

No princípio de Janeiro, um rapaz de dezassete anos que usa, «em serviço», o nome de «Batatinha», foi preso pela G. N. R. de Canidelo, depois de ter ludibriado uma Empresa, cujo Pessoal e Administração contribuíram com cheque e numeração e peças do seu fabrico. Apresentado no Tribunal de Gaia, é-lhe apreendido o que tinha ainda em sua posse e mandado embora. A Judiciária tomou conta do acontecimento... e tudo continua na mesma. Se não fora a Empresa ter-nos comunicado o facto, nem dele saberíamos. Entretanto, quantos novos alarmes nos vão chegando de pessoas que têm caído no «conto»!

Este jovem, ou o grupo de que faz parte, têm a sua estratégia bem montada. Actuam durante breves dias numa localidade e logo mudam para outra. Assim, numa semana recebemos recados de Gaia, para logo a seguir os termos de Gondomar ou Matosinhos ou Vila do Conde. O último foi de Guimarães. Aqui, a «identificação» era uma braçadeira, o que até se tornava notado. Mas as pessoas caem e só depois reflectem na inverosimilhança de tal acção.

— Porque não retiveram o rapaz e o entregarem à Polícia para, por ele, se chegar ao «cérebro» da organização?

Isto dizemos nós, ingénuos também como os que se deixam apanhar na rede. É que, se a Polícia o prendesse, voltaria a suceder como em Canidelo. O Tribunal toma conhecimento e deixa-o à solta. A Judiciária assume o processo e espera vez para investigar. E o caminho fica aberto a um tipo de delinquência para o qual nem sequer é preciso muito arrojado.

Não sei se a arte de roubar se costuma inscrever entre as profissões liberais. Mas, não há dúvida que é largamente liberalizada.

❶ Não tenho dados para afirmar que seja hoje maior o número dos afectados por doen-

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 2.ª pág.



# Cantinho das Senhoras

«A melhor maneira de resolver os grandes males alheios é cada um fazer todo o bem que puder dentro da sua pequenina esfera de acção.

Não há arma mais eficaz para combater o mal do que a prática do bem.» (Pai Américo)

Para falar de ternura, não há nada como falar das crianças...

Acabei agora mesmo de deixar os mais pequeninos. É a hora da sesta. Eles brincaram. Cantaram. Choraram, porque não queriam dormir. «Bincá... Bincá...» — dizia o mais pequenino. Estão sossegadinhos, esperando pelo sono...

Acabo de saborear quadros tão bonitos da nossa vida, aqui, em Casa!

Quando os procurava para a sesta, passei pelo recreio da Escola. Algumas professoras brincavam e ensinavam jogos aos alunos. Tão lindo, assim, com eles...! Uma delas andava a «replantar» as flores que os

pequeninos arrancaram; e, cantando as ervas, explicava, com carinho, que a nossa Casa, florida, se torna mais bonita.

Padre Cristóvão está no escritório, atendendo grupos. Explica, pacientemente, o porquê da disciplina no jogo, nas horas de trabalho, nas aulas, no recreio, etc.:

«A sineta que chama para levantar, para a refeição, recreio, aulas, etc. e o apito ou corneta no jogo têm sempre o mesmo direito de serem escutados e obedecidos. É assim que nos entendemos. Respeitandonos, aprendemos a ser homens. É para isso que aqui estamos.»

A alegria com que saíram mostra bem que o «sermão» não enfadou.

Sr. João saíu com o tractor para o campo: «Vou abrir mais uns regos... e esperar por eles» — que precisam do campo para se curarem.

Também, aqui, precisam de ajuda e carinho para entenderem que a terra lhes foi ofere-

cida para serem donos dela; e, com ela, poderem ter melhor mesa, mais saúde e alegria.

Pai Américo acreditou — pela sua tarimba — que tirá-los «da apatia e inércia das ruas é fazer com eles riqueza, a nossa riqueza».

Têm que ser «o nosso santuário» — «Santuário de almas» como definiu a Obra da Rua. Cantinho muito querido e apreciado por quem acredita n'Ele, porque Ele vive connosco.

O nosso lugar de mestres — nas oficinas, no campo, na construção civil, escola, trabalhos caseiros dentro da Obra da Rua — há que ser encarado como uma missão.

«Uma vida que se dá para eles

e não para realizar um trabalho material que resulte material. Tem que ser como uma missão. Como um trabalho, isto não dá! Penso assim desde que vos conheço. Quando as pessoas fazem apenas por trabalho ou profissão, por muito que se esforcem não vêm muito mais do que a parte monetária. Tem que ser uma missão assumida. Vim para aqui, no princípio do ano, sem vos conhecer, nem sequer sabia da existência da Obra da Rua. E, agora, gosto tanto...!

Cada vez gosto mais dos meus alunos!»

O recado que acabais de ler, foi dito pela professora que andava com os miúdos a arrancar as ervas. Como gostei de escutar!

«Já aprendi muito com eles... desde que aqui estou.»

Quando temos professores e outros cooperadores, para

servir os rapazes, conscientes da sua «missão de guias», como é diferente! Como sabe bem aos pais terem consciência de que os filhos andam bem acompanhados!

Há dias, encontro uma mãe, em Setúbal, que me dizia: «Ando muito preocupada com a educação da juventude. Falta Educação...», sublinhou. «E pensar eu que são-de ser os homens de amanhã! Como vão eles preparados? Penso que a maioria das asneiras que fazem, é por culpa dos adultos que os não sabem acompanhar.»

Venho para casa reflectindo na preocupação desta mãe.

Há cinco anos, numa reunião de pais, tinha dito o mesmo: «Os adultos têm que se convencer que são adultos e assumirem-se como Educadores, com a missão de Educadores — se não, isto não dá...».

Isaura (de Setúbal)

## Do que nós necessitamos

# Calvário

Podia dizer-te o nome dos pais e dos filhos. É melhor não. O pai, muito doente, vende rifas para sobreviverem. Moram na zona de Miragaia. Vivem no último andar dum prédio em ruínas — perto do telhado que «um dia destes» vai cair.

Não pagam renda. O dono não quer. Quer que o prédio rua

no seu interior para tomar posse.

Esta família subalimentada e «sub-mundo» é assistida pela nossa Conferência do Lar do Porto — Conf. de S. Francisco de Assis. O casal (gaiato) Alexandre-Emília, fazem a visita.

Na última, fui com a Emília e vi os buracos no tecto e a casita desabando. Chovia. Por cima da cama das crianças, suspenso por fios, um plástico. Pobre tenda de campanha — mesmo no centro do grande Porto!

Dali fomos ter com um empreiteiro a ver quanto nos levava por fazer uma casinha modesta... A realidade viva fez-nos sonhar com uma casa!

A seguir ao sonho, a queda-livre mesmo em cima duma nova realidade:

O lugar?!

O terreno?!

O custo?!

A burocracia?!

Quando, na reunião seguinte, a Emília apresentou o caso aos nossos casais vicentinos, sonhamos todos com uma casinha de luz e sem tecto de chuva!

Tão bom sonhar com coisas belas!

E todos: — Vamos começar. Como?

Vem tu sonhar connosco. Vamos pelos prados — no nosso cavalo fogoso — descobrir a Primavera!

Ajuda-nos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Porto — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Padre Carlos

Padre Telmo

Mais 10.000\$00. O dobro, e desculpem «porque não posso escrever». Tantas coisas da Isaura e a assinatura d'O GAIATO! E 21.000\$00 para o Calvário.

Voltamos ao Espelho da Moda, no Porto, e fomos encontrar tudo o que lá deixastes: quarenta notas de mil, da Albertina; uma máquina de escrever; ajudas para o pão que todos os dias comemos, pelo menos quatro vezes; 5.000\$00, de H. R. R. C. B.; mil, da Rosa, do José, do Mário e de tantos e tantas que não

podemos nomear. Mais 10.000\$. Veio também mais um alerta para as pessoas que se deixam enganar com peditórios para a Casa do Gaiato. Não caiam! A Maria Elvira e o António Carlos mandam um cheque do B. P. A. Só um momento para observar um bilhetezinho que diz: «300\$00 e um grande abraço».

O fogo chegou, há muito, à Universidade. Aluno sextanista envia o excedente de fundos recolhidos — 25.839\$00. Mais uma lembrança especial neste ano Centenário. É da Marília,

que entrega 10.000\$00. Alunos da catequese, da Costa Nova — Aveiro, enviam roupas. Agradecemos o abraço deles para os mais pequeninos. Mais 30.000\$00 para o Calvário. S. João da Madeira acrescenta mais dez. De Guimarães, a filha decidiu oferecer «o vencimento de pensão de reforma de sua mãe todo inteirinho à Obra de Pai Américo no ano do seu Centenário de nascimento. Disponham dele como entenderem». Bem hajam.

Padre Manuel António

# LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Todos afirmam, até se canta e até se pede para o Natal «não ser um dia».

Falar, cantar, pedir, tudo vai ficando em palavras... A realidade é bem diferente! Queremos, apesar de tudo, recordar algumas lembranças que nos chegaram. Para além de muitas dificuldades económicas solucionadas, ficou particularmente connosco a riqueza de muitos corações que aliviaram, um pouco, a cruz de todos os dias.

Recordamos uma oferta singular que os Oficiais do Quartel de Lamego costumam fazer aos nossos rapazes: fruta. Todos os anos vêm, de lá, caixas de saborosa fruta. Este ano, porém, chega o recado de que não era possível. Manifestámos o reconhecimento pela gentileza da comunicação. Qual não foi a nossa admiração quando, dias depois, mandaram dizer que a fruta não faltaria. O que se teria passado? Aqui vai o segredo

e a força do amor que tudo consegue e se lembra, de verdade, dos que têm menos do que nós.

A fruta do Quartel tinha sido «arrendada» e, por isso, não existia para dar. Nessa ocasião, um Oficial dirigiu-se ao «arrendatário» e pediu que não «levasse» a fruta do chão, pois era costume oferecê-la ao Lar de S. Domingos. As respostas podiam ser diversas: «A fruta de refugio também se vende... e tudo dá dinheiro... A menos boa ou a mais pequenina, pode transformar-se em aguardente», etc.

Todos sabemos que há cabeças a mais e corações a menos; quem pense só nos lucros materiais; quem sinta prazer em contar as notas, verificar e catalogar as promissórias do Banco ou, de mão em mão, fazer passar os cheques... Neste caso, porém, não foi assim; tudo deu certo. Os corações

bateram em uníssono. Ficou toda a fruta que se escapava das mãos e não ia para as caixas do mercado. Veio até alguma que, propositalmente, ficara nas árvores. Cenas vivas, recordadas e repetidas com exactidão dos Livros Sagrados. Não foi assim que fez Booz com Rute? Ele próprio disse aos empregados que não a repreendessem, «mesmo que a vissem respigar entre as gavelas». Mais disse, ainda, aos ceifeiros: «Deixai cair dos vossos feixes, como por descuido, algumas espigas para que ela as apanhe».

Quando, como Rute, que tudo deixou para cuidar da sogra (e isto chegou aos ouvidos de Booz), nós pensamos mais nos outros e com factos lhes damos carinho e amor, Deus vela por nós e torna fácil o que nos parecia impossível.

Padre Duarte

as que oferecia o ex-Sanatório de Montalto, sobranceiro a S. Pedro da Cova, vão-se tornando cada vez mais longínquas pela ruína crescente a que foi abandonada aquela unidade.

Foi, pois, com profunda surpresa que dei conta da polémica sobre a alienação do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa. Nem sei se se trata de extinção se de mudança, tanto me custa a acreditar na primeira hipótese. Se assim fosse, para onde iriam os doentes que lá estão e os que, pelo tempo fora, vão precisar de um tal apoio hospitalar? E que seria daqueles a quem o Júlio de Matos dá algo de protecção post-hospitalar — uma espécie de «Calvário» que não estará muito nas suas coordenadas burocráticas, mas função que tem realizado com tanta humanidade?

Oxalá em toda esta operação, como em tantas outras que afectam o povo, os cifrões não apaguem os homens, as técnicas não afoguem a humanização cada vez mais necessária no tratamento dos constituídos em debilidade.

# AQUI LISBOA!

«No primeiro Congresso Nacional de Protecção à Criança, em Lisboa, ouvi falar a um mestre nos direitos que ela tem. Noutros lugares e a outros mestres é frequente ouvir falar nos Direitos da Criança... E mais. E mais. E mais. Ora estes direitos implicam necessária e automaticamente um dever, que atinge em primeiro lugar as pessoas que os proclamam. Se a criança tem direitos quem lhes outorga?» (Pai Américo)

São anos internacionais, são congressos e semanas; múltiplos seminários, conferências e colóquios se sucedem sobre o tema da criança. Na rádio, na televisão, nas revistas e nos jornais o assunto é tratado com frequência. Por mais optimistas que queiramos ser, não topamos, todavia, grandes progressos. A situação, a avaliar pelo que lemos, ouvimos e apalpamos, parece-nos cada vez mais grave.

João Paulo II, na sua mensagem para a Quaresma, chama a atenção para o «escândalo» da mortalidade infantil, cujas vítimas diariamente se contam às dezenas de milhares». Mais: «Há crianças que morrem antes de terem visto a luz do dia, outras não têm senão uma breve e dolorosa existência, encurtada por enfermidades que, no entanto, hoje, seria fácil evitar. Inquéritos sérios mostram que, nos países mais cruelmente provocados pela pobreza, é na população infantil que se regista o maior número de mortes por desidratação aguda, parasitas, água contaminada, fome, falta de vacinação contra as epidemias e até mesmo por falta de carinho». Diríamos, sem receio de desmentido, estarmos na presença dum quadro apocalíptico.

Infelizmente, no nosso País, o quadro é também calamitoso. Crianças inocentes, de tenra idade, são sujeitas aos mais perversos maus tratos, passam fome e revelam, na sua constituição física e anímica, profundas carências, de consequências muitas vezes irreversíveis.

A ciência e a técnica avançam, certamente, mas, em ter-

mos absolutos, nem sempre ao serviço do homem. Respigamos da revista Audácia a seguinte local: «Foram encontradas em três casas da cidade da Guatemala 16 crianças com idades compreendidas entre um mês e dois anos que se destinavam a ser «exportadas» para os E. Unidos, a fim de lhes serem tirados os órgãos para transplante em crianças nascidas de casais ricos. A polícia apurou que, de 1 de Outubro de 1985 a 31 de Março de 1986, 170 crianças foram «vendidas» aos Estados Unidos, Bélgica, Itália, Canadá, Noruega, Suíça, Alemanha e França. Cada petiz «comercializado» rendia à organização deste negócio horrendo entre 20 e 30 mil dólares, qualquer coisa como 3 ou 4 mil contos». Uma pessoa lê, arregala os olhos e nem sabe o que dizer... Em nome do progresso cometem-se os crimes mais hediondos, sem adjectivos para os qualificar. E repare-se que, embora o todo não se possa generalizar em função das parcelas, que é nos países ditos mais evoluídos e de bem estar social que se verificam tais actos. Estamos num mundo que se possa chamar humano e civilizado?

Por mais que se avance em todos os ramos do saber, se não houver sentido de justiça e de solidariedade, em que o homem ocupe o centro e seja a razão de ser de tudo, a ordem dos valores, por subvertida, conduzir-se-á ao caos. Depois, sem amor, mesmo que presente o sentido referido, a vida tornar-se-á gélida e sem finalidade, porque ausente da linha vital que lhe dá consistência e razão de ser.

Somos constantemente «bombardeados», passe o termo, para acudir às situações mais graves. Este ano já vamos em 30 pedidos! Nota-se, para mal das coisas, que abundam os problemas referentes a crianças atrasadas ou muito carenciadas psicologicamente, para as quais não temos pessoas nem instalações adequadas.

Quem passa por Lisboa, sobretudo a certas horas, depara com bandos de jovens que des-

cem ao centro da cidade, oriundos de bairros degradados ou pobres, pedindo ou desferindo os seus golpes. Os expostos continuam a estar patentes nas ruas de maior movimento. A droga é visível em certos grupos etários, como que instrumentos nas mãos de mafiosos sem escrúpulos. Os Tribunais de Menores encontram-se a braços com uma infinidade de questões, não tendo mãos a medir e não dispendo de meios para lhes dar resposta.

O trabalho infantil, tantas vezes referido nos últimos tempos, continua a grassar, sobretudo no norte do País, calculando-se em 220 mil crianças, com menos de 14 anos, sujeitas a trabalhos violentos. As famílias destruídas aumentam cada vez mais e, por arrastamento, conduzem os filhos à miséria. As violências físicas e psíquicas são uma realidade bem patente, por omissão ou por acção, atingindo os variados estratos sociais. Muitas famílias, mesmo ditas cristãs, esquecem as suas responsabilidades para só acordarem ante as hecatombes. O insucesso escolar, tantas vezes devido à demissão da família, da escola e dos seus agentes, mais contribui para a negra situação actual. Para o comum

## Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

celebrei e permaneci por longo tempo. Um vizinho esperava-me.

— Conhece-me?

— Conheço, sim senhor!

— Soube que a vossa palha se queimou toda e venho oferecer alguns fardos dela.

Como me consolou esta atitude!...

Soube-me tão bem! Eu não trocava o prazer que senti naquele instante por nenhum outro. Olhei o homem e agradei profundamente. Deus visitou-me naquela angústia!

## FESTAS

As nossas Festas estão a ficar prontas.

O Octávio preparou, este ano, uma maravilha de números. O tempo começa a urgir. Depois da Primavera vamos começar e, no próximo número, já marcarei datas.

Falta-me escrever um tribunal ao vivo, daqueles que quase todos os dias se realizam na nossa Comunidade e que dão tantos frutos.

Queremos que as Festas tenham mensagem para além do que elas são em si.

A generosidade e o sacrifício dos rapazes ultrapassam todas as expectativas. Vamos ter uma das melhores Festas de sempre.

Por isso, peço colaboração aos leitores e amigos das terras onde costumamos ir, para que as salas se encham de gente.

das pessoas só há direitos, que os deveres são para os outros; e como há impunidade total, o sentido das responsabilidades quase não existe ou é mesmo nulo. Não, não queremos ser pessimistas, mas só não vê quem não quer.

É curial falar nos direitos das crianças e dos jovens. Todavia, como acima se cita de Pai Américo, «estes direitos implicam necessária e automaticamente um dever, que atinge em primeiro lugar as pessoas que os proclamam». Sim, pois, «se a criança tem direitos quem lhes outorga?»

Pela nossa parte, na fragilidade do nosso ser e das forças ainda existentes, mais não queremos que dar testemunho de vida. Assim, com a Casa cheia, acabamos de receber o Ricardo, com dois anos e meio, dois dos quais na cadeia! Sim, numa cadeia feminina, onde a mãe se encontra. Ele há vidas!

Para crianças com menos de 5 ou 6 anos não há hipóteses de dar respostas, porque não há «mãos» disponíveis para dar-se.

O mesmo se diga de Rapazes abaixo dos 14 anos. Estamos superlotados e numa Instituição como a nossa, com toda a série de questões que lhe são próprias e com a necessidade dum contacto pessoal, individualizado, com os seus Rapazes, com um só sacerdote e três senhoras a tempo inteiro, nada mais é de esperar.

Que o Senhor, que conhece os corações, tendo em vista a Voz que vem de Roma, nos deixe conduzir pelo Espírito de Deus, que pode quebrar as cadeias do egoísmo e do pecado, e nos assista na partilha, em espírito de solidariedade, com os que menos recursos tenham, mesmo que não o entendam ou apreciem. E, «segundo o exemplo de Maria, que acompanhou fielmente o Seu Filho até à cruz, se fortifique a nossa fidelidade ao Senhor e que a vossa vida generosa testemunhe a nossa obediência aos Seus Mandamentos!» Assim, defendemos, em obras e verdade, os direitos das crianças.

Padre Luiz

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ «E quando não houver avós?» Estou totalmente de acordo com o Bispo de Aveiro que publica este grito de alerta. A carência de crianças nos povos ditos mais civilizados tem de limitar forçosamente a existência de avós. Gera o empobrecimento da sociedade e tira-lhe a vida e a família.

Quando todos os dias, pelas nove horas, oiço os nossos portões a abrir e a alegria do Nandinho e Carlinhos que esperam a carrinha que os leva para a sua escola no Arcil, da Lousã, vibro com a sua alegria e esqueço as horas de choque que tantas vezes tenho sofrido pelas suas deficiências.

Esqueço, quando há dez anos, recebemos o primeiro. Veio ao colo da professora da aldeia. A mãe, atrasada mental e de quinze anos, tinha falecido. Uma criança sem fala, sem dentes, sem estômago formado. Fiquei tão triste quando o recebi nos braços!

Graças à vida desta nossa família tão numerosa e à ajuda dos meios especiais da Escola-Arcil, o Nandinho está a ficar um homenzinho. Continua a ter o carinho de todos. Ajuda-nos a ter consciência e alegria do nosso amar-servindo. Para que servem as nossas vidas se não ajudarmos a crescer outras vidas?

■ Fico sempre tão feliz quando vejo o Hugo com o Telmo pela mão! O Hugo, de cinco anos, está encarregado de to-

mar conta do Telmo, com dois anos. Que cuidados o Hugo tem com o seu menino! — Olhe o nosso menino! — me diz, muito contente! Fico a olhá-los, encantado.

Um e outro têm pais, mas não podem estar com eles. São males da nossa sociedade. A Obra do Padre Américo é para os mais pobres. Procuramos substituir o colo das mães com os nossos. Vejo, a toda a hora, os mais pequenos nos braços dos maiorzinhos. É assim a família. Assim se criam os filhos. Ajudam-se a criar uns aos outros. Só os corações fechados não são capazes de criar.

■ Vieram dois, que já há três anos vivem por si, pedir o dinheiro que lhes foi atribuído nos anos em que estiveram na nossa Casa. Um, levou centenas de contos e vai ver se compra um andar. O outro, levou menos, mas prometeu que será para montar casa também.

Um e outro me falaram no casamento. Já têm dia projectado. Disse que sim. Os casamentos devem ser, sempre, festas de família. Queremos que haja sempre avós. Queremos aceitar os filhos. Queremos partilhar a nossa vida para fazer crescer outras vidas.

Desejamos, a todos, santas festas da Páscoa. Que o Senhor ressuscitado nos anime a caminhar sempre por caminhos de ressurreição.

Padre Horácio

## EXPEDIÇÃO DO LIVRO

### «Correspondência dos Leitores»

Após a saída do presente número d'O GAIATO ficarão servidos todos os assinantes da Editorial com o novo livro de Pai Américo, CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES. São mais de 5.000 pessoas!

Tudo feito por mãos gaiatas, lema que preside às nossas Comunidades: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Na década de 40 causara espanto na Pátria lusitana:

— O Padre Américo manda-vos tratar assuntos de responsabilidade?! Sois tão novos...!

Guardamos mais e mais, daquele tempo. Ele dá a resposta, numa clara afirmação que é a raiz do seu pensamento: «A autêntica pedagogia é o culto da responsabilidade individual».

O livro CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES sai à luz do dia em época propícia: Quaresma, Tempo Pascal... Nem sempre assim acontece. Tão ricos os comentários de Pai Américo aos testemunhos que a obra reúne!

Nas vossas mãos tereis um riquíssimo foliar da Páscoa!

Júlio Mendes

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285  
Comp. e Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel